Réplica 4

CARMINE MARRAZZO

Membro EPFCL -Italia FPL- Milão

Impossível de testemunhar

Convidada a participar à corrida de revezamento que nos levará à nossa próxima *Jornada da Escola no meio das* vielas de Veneza, assumo de bom grado o bastão para a *Réplica*.

Trabalhos anteriores tentaram circunscrever e isolar pelo menos dois tipos de problemas e sua articulação: a lógica da transmissão e a hipótese de uma formalização matemática dessa lógica. A dobra (transformação topológica?) que tentarei seguir leva à aporia da lógica da transmissão desta experiência humana particular na qual se baseia o dispositivo do passe: a prática do testemunho.

De que material é feita? Acredito que se trate de um material de discurso.

Ao nos convidar a pensar a psicanálise como uma prática do discurso, Lacan dá uma guinada suplementar na tentativa de formalização da psicanálise: da formalização da estrutura do inconsciente-linguagem à formalização do laço social próximo ao «Que se diga»[1], um giro a mais do dizer. Não há transmissão senão do discurso, senão dentro de um discurso, senão entre discursos: há, estruturalmente, um impossível da transmissão, e se transmissão há, em algum lugar, ela só pode ser transmissão daquilo que não pode ser transmitido. Por outro lado: é precisamente porque a psicanálise se mostra "intransmissível"[2], como Lacan não deixa de notar em 1978, que um dispositivo de transmissão é necessário.

Para seu dispositivo, Lacan optou por um meio inédito: a prática do testemunho, em um momento histórico marcado sociologicamente pelo advento da figura da testemunha como traço de uma época: *A era da testemunha*[3], precisamente. O caminho do testemunho, o risco que essa prática envolve, subverte o problema da formação dos analistas e é outra coisa, obviamente, do «dar provas» do AME: para o AE trata-se de dar testemunho do que fez, de si mesmo, um momento de passagem, reviravolta, passagem a analista. Mas... «nada o obriga»[4]. Enigma, então: *Che vuoi?* Lacan, com sua oferta de passe?

E o que leva, senão obriga, alguém a bater na porta do passe, a cruzar o limiar do testemunho? Os depoimentos dos AE da Escola nos dizem alguma coisa da «varidade» neologismo de Lacan entre *vérité*, em francês, verdade, em português e *variété*, em francês, variedade, em português) dessa opção própria a cada um, opção de qualidade contingente ao momento do passe, à autoria de um a um, se assim posso dizer, que continua sendo trabalho analisante, invenção diante do dilema entre a impossibilidade e a urgência de dizer, para retomar os termos do texto *Ouverture*, sobre as «ocorrências», nome da contingência, que se podem precipitar em testemunho.

Mas o que é, então, testemunho: outra profissão impossível, talvez?

Em *O que resta de Auschwitz*, Agamben questiona o lugar e o sujeito do testemunho, seu pano de fundo de «lacuna»[5] que faz de cada testemunho um testemunho do não testemunhável, do que não pode ser testemunhado: «não somos nós», escreveu Primo Levi, «as autenticas testemunhas», sendo a «transmissão integral» a daquele que não pude testemunhar, *der Musselmann*, o muçulmano: uma impossibilidade lógica. Aquele que testemunha, portanto, é uma exceção: às verdadeiras testemunhas não poderiam sê-lo porque «aqueles que viram a Górgona não voltaram para contar, ou voltaram mudos"»[6].

Agora, levando em conta a incomensurabilidade da experiência que passou para a história sob o significante «Auschwitz», o que ela pode nos ensinar, no que diz respeito ao dispositivo do passe? Tanto mais que somos levados a nós colocarmos essa questão com Lacan, dado que ele evocou os campos em sua *Proposta,* ao que também foi criticado como ... «grave»[7]!

O trabalho sobre os depoimentos dos sobreviventes, que também eram díspares, me levou a me fazer uma pergunta que gradualmente se tornou inevitável para mim: "Analisamos da mesma forma antes e depois de Auschwitz?" Aqui, com Kertész, questiono o caráter difuso do Holocausto como «cultura», ou seja, suas «influentes consequências éticas»[8], incluindo a categoria universal do ser-sem-destino. Agora, o que nos diz respeito como analisantes da Escola? E como é que isto tem a ver, se é que tem alguma coisa a ver, com o dispositivo do passe, quando toda a

experiência analítica toca no problema do (não) querer saber do "destino" que o inconsciente cria[9] para o ser falante?
Essa questão que, por muito tempo, pensei, estar mal colocada, encontrou guarida no trabalho de Anne-Lise Stern sobre o *savoir-déporté*, saber-deportado: «Curar, tratar de Auschwitz através da psicanálise? Lacan disse uma vez mais ou menos isso: pensar, o pensamento, faz bandagem. Então, pergunte-se: qual psicanálise depois de Auschwitz?». E, ela continua, um pouco mais adiante: « "Proponho para reflexão esta fórmula lógica: pode-se ser psicanalista tendo sido deportado para Auschwitz? A resposta é não. É possível, hoje, ser psicanalista sem isso? A resposta é novamente: não. Esclarecer *como essas duas impossibilidades se mantém juntas, e de que é feita sua relação, parece-me uma boa maneira de abordar a questão: qual psicanálise depois da Shoah?*»[10].
Observo que o passe é - historicamente, logicamente - inventado, colocado e oferecido *posteriormente*. Faço a hipótese de que o dispositivo do passe, de cada passe, diga respeito à essa relação de impossibilidade lógica que surgiu, para a psicanálise e para a civilização, *posteriormente*. Parece-me uma forma de colocar a experiência do passe como *quaestio* para a civilização: tornar-se «rebotalho da dita humanidade», dizia a *Nota italiana*[11], onde «todo deportado», continua Anne-Lise Stern, «testemunha, na realidade, disso, daquele resto de um naufrágio em que se tornou. Este é o saber do deportado, um saber dos restos de um naufrágio, sobre o lixo. Mas quando ele fala disso, quando dá testemunho, ele não é mais só resto»[12].
Passo, portanto, o testemunho lembrando uma passagem das primeiras páginas de *A Trégua*, onde Primo Levi se faz *passador* do pequeno Hurbinek: o interesse particularizado, «mais maternal que paterno», do jovem Henek, de quinze anos, possibilitou para Hurbinek o surgimento de algo da ordem de uma palavra articulada, embora incompreensível: «*mass-klo, matisklo*», junto com uma série de «variações experimentais em torno de um tema, a uma raiz, talvez a um nome»: um sabor de *lalangue* que Primo Levi, passador, eleva à categoria de um testemunho que existe «apenas através de suas palavras»[13].
Que uma ética do testemunho possa vir a se tornar um testemunho de uma ética? Ética do que não pode ser testemunhado, o fundamento, talvez, da chance de um poema vir a ser.

Tradução: Carolina Cecci Robles
Revisão por Andréa Fernandes

Continuação…

Próxima réplica: Pedro Pablo Arévalo - CIG 2022-2023, AME, EPFCL-FFCLE-F8 Fórum Psicanalítico de Barcelona

---

[1] J. Lacan, «O Aturdito» (1972), in *Outros Escritos*, p. 448
[2] J. Lacan, «Sulla trasmissione (1978)», in *La psicoanalisi*, n° 38, p. 14
[3] A. Wieviorka*, L'ère du témoin*, 1998
[4] J. Lacan, «Nota italiana», (1973) in *Outros Escritos,* p. 311
[5] G. Agamben, *O que resta de Auschwitz* (1988), tradução livre
[6] P. Levi, *Os afogados e os sobreviventes* (1986), p. 72
[7] J. Lacan, «Discurso na Escola Freudiana de Paris» (1967), in *Outros Escritos*, p. 279: «Não insisto: evocar os campos é grave, como alguém julgou dever dizer-nos. E não evocá-los?»
[8] I. Kertész, *Il secolo infelice* (1998), p. 135, tradução livre
[9] J. Lacan, «Televisão» (1974), in *Outros Escritos*, p. 543
[10] Anne-Lise Stern, *Le savoir-deporté. Camps, histoire, psychanalyse* (2004), p. 192, itàlico meu
[11] J. Lacan, «Nota italiana», (1973), in *Outros* Escritos, pp. 313
[12] Anne-Lise Stern, intervenção ao Convenho di Orléans, *Temoiganges, savoirs, traces*, Presses Universitaires de Vincennes, 1999, citado em A. Wieviorka, *L'era del testimone* (1998), p. 138, tradução livre
[13] P. Levi, *La tregua* (1963), pp. 11-13, tradução livre